

## BASE DE LUTA

*Conjuntura*

### **NÓS NÃO VAMOS PAGAR PELA CRISE**

O modelo neoliberal instituído mundialmente nos anos 80 tem se mostrado, de forma mais evidente desde 2008 com a eclosão da crise financeira, não ser uma boa alternativa a seguir. Desde então, a economia mundial ficou mais instável e vulnerável a crises. As desigualdades entre países e classes têm aumentado e a concentração de renda e riqueza tem se aprofundado: em breve os recursos acumulados pelo 1% mais rico do planeta ultrapassarão tudo o que os demais 99% possuem.

A Grande Recessão de 2008 desestabilizou a economia mundial, causou grandes perdas, privações e retirou direitos dos trabalhadores no mundo todo. Direitos que foram conquistados através de muitas lutas em décadas passadas e que agora são fragilizados, e até infringidos, a favor da manutenção desse sistema que, como vimos, só continua beneficiando os já historicamente beneficiados: os banqueiros e os patrões. Na Europa, especialmente na Grécia, Espanha e Portugal, a Troika (FMI, BCE e Comissão Europeia) tem imposto planos de ajuste que, além da retirada de direitos, tem causado aumento do desemprego e do número de pessoas ameaçadas de pobreza e exclusão social e em situação de privação material severa.

No Brasil a situação é muito semelhante. Com o discurso falacioso de responsabilidade orçamentária, o governo Dilma tenta jogar o peso da crise econômica nas costas dos trabalhadores, retirando direitos e aplicando cortes bilionários no orçamento, principalmente de programas sociais, enquanto continua a destinar 47% do Orçamento ao pagamento dos juros da dívida pública (R\$ 978 bilhões) - de acordo com a Auditoria Cidadã da Dívida - beneficiando as grandes corporações. Dessa forma, o governo se coloca ao lado dos banqueiros e corruptos, abandonando a classe trabalhadora com Medidas Provisórias que arrancam nossos direitos, diminuem os empregos e aumentam a inflação.

Mas, assim como o povo grego, que tem se colocado nas ruas em repúdio às políticas adotadas, no Brasil temos presenciado o aumento das lutas dos trabalhadores que não aceitam pagar pela crise, como foi o caso dos metalúrgicos de São José dos Campos que, em uma greve vitoriosa, conseguiram pôr fim ao plano de demissões das montadoras automotivas. Assim também segue o funcionalismo público de todo o país - em especial os setores da educação que estão dando uma aula de luta - como foi o caso dos professores do Paraná e de São Paulo no início deste ano e, atualmente, as greves do funcionalismo federal e do RS.

Essa realidade sentida pela classe trabalhadora também nos atinge. Na Unicamp temos salários arrojados e dissídios menores que a inflação, ficamos sem reajuste nos benefícios, sentimos diariamente o peso da crise. A Reitoria, por sua vez, pratica salários para a alta cúpula da Universidade fora da realidade de um país em crise e, além de tudo, declarados ilegais pela Constituição de 1988.

Também estamos sofrendo com o excesso de trabalho e a ausência de perspectivas de ascensão na carreira devido à aplicação da GR-02 que impõe cortes e impede contratações de servidores técnico-administrativos.

Cansados dessa situação, realizamos uma greve com o objetivo de denunciar à sociedade a realidade da Universidade. Não podemos mais aceitar toda essa situação!

*Universidade*

### **EM 2015 CAIU DE VEZ A MÁSCARA DE TADEU**

Esse ano caiu a máscara do REitor. Com dinheiro em caixa, não cumpriu a promessa da isonomia, impôs contingenciamento para os funcionários e provou que não prioriza os funcionários da Unicamp.

A campanha salarial foi marcada pela desmobilização, pois a maioria da direção do STU não se jogou para construir essa luta e a categoria estava de “ressaca” pela longa e vitoriosa greve de 2014. A campanha salarial foi enterrada com uma mudança para pior nas nossas lutas: “isonomia já” afundou em “isonomia se” e o reajuste ficou condicionado à arrecadação de ICMS num cenário de crise econômica, desemprego, inflação alta e ajuste fiscal.

No 2º semestre, frente às denúncias de supersalários da cúpula dirigente da universidade, a categoria respondeu votando greve pelo corte imediato dos supersalários e dupla matrícula do alto escalão, para que esses recursos sejam revertidos na isonomia. Tadeu não atendeu a pauta da greve e intimidou os trabalhadores que lutam. Com isso, toda a tentativa da REitoria de manter uma imagem de gestão do diálogo caiu e se consolidou a prática de perseguição ao ativismo.

*Estrutura Sindical*

### **UMA TESE DA BASE PARA O CONGRESSO DO STU**

Defendemos a independência e autonomia no sindicato que não pode ser atrelado a governos, reitorias ou partidos. Respeitamos a liberdade dos trabalhadores terem seus partidos, mas acreditamos que o movimento sindical deve seguir sendo orientado pela base dos trabalhadores.

Para isso, precisamos que as estruturas democráticas do STU aconteçam e o nosso sindicato deva ser instrumento permanente de debate político com a categoria. Foi nesse sentido que defendemos a posição na assembleia do STU de que nosso Sindicato não devia apoiar o ato de 16/08 que representava os movimentos pró Aécio (PSDB) e Eduardo Cunha (PMDB), nem ir às manifestações como ato no dia 20 que defendeu o Governo Dilma (PT), que retira direitos dos trabalhadores.

Tanto as manifestações puxadas pela direita quanto as puxadas pelo governismo vêm para atender às necessidades dos grandes empresários e retirar direitos dos trabalhadores. Em nosso país, a burguesia e o imperialismo estão unidos para garantir seus lucros. A disputa entre PSDB e PT é por quem vai aplicar o ajuste fiscal contra os trabalhadores. Por isso NÃO VAI TER GOLPE no Brasil. Nós precisamos construir nas lutas uma alternativa para a classe trabalhadora que enfrente os ataques que estão vindo, sejam eles de Dilma, Temer, Cunha, Aécio ou Alckmin.

**POR UMA ESQUERDA PLURAL E UNIDA**

O diagnóstico universal que escutamos por aí é que a direita sabe se unir, enquanto a esquerda se dispersa facilmente. A direita é capaz de se unir pragmaticamente em torno de um objetivo comum. Sendo assim, o que faltaria à esquerda é um certo 'pacto de unidade' capaz de conduzi-la na luta contra o inimigo comum, o capital e a burguesia.

Essa lamentação não dura mais de 100 anos a toa. Ela se repete e nunca se soluciona porque, em partes, está errada. Precisamos sim de uma esquerda mais unida, porém que não seja mais UMA ESQUERDA, e sim uma ESQUERDA MÚLTIPLA. A lógica centralizadora, como tem sido buscada pela esquerda brasileira até hoje, é justamente nosso pior defeito e a busca da unidade homogênea é exatamente nosso ponto fraco.

O que a direita sabe, ao contrário do que o conhecido jargão prega, é que precisa da unidade. A direita pode conviver com liberais e conservadores, simpatizantes dos direitos humanos e fascistas, tudo ao mesmo tempo. Ela não demanda a unidade, pura e crua. É isso que a esquerda precisa aprender: A CONVIVER COM O MÚLTIPLO.

Devemos buscar incorporar às lutas sociais todos que o capitalismo descarta. Devemos reconhecer que existem variações possíveis em pauta e que elas não precisam convergir em UM COLETIVO, UMA ESQUERDA. Para isso, precisamos deixar de eliminar possíveis alianças que poderiam consolidar um novo campo político capaz de realmente enfrentar nossos inimigos, contando com boa parte dos trabalhadores, que se veriam contemplados na multiplicidade para dar conta da tarefa.

Sendo assim, fazemos um chamado especial a todos os setores de esquerda, aos companheiros e companheiras independentes ou organizados em correntes combativas, para se somarem a uma tese conjunta, que fortaleça a luta da classe trabalhadora, passando por cima de bandeiras partidárias e diferenças táticas em prol de um sindicato mais representativo e agregador, capaz de ser combativo e de gerar conquistas efetivas à categoria. Que seja de fato independente da Reitoria e dos Governos, que lute contra a corrupção e o ajuste fiscal em defesa de melhores condições de vida para os trabalhadores. Os trabalhadores não podem pagar pela crise!

Queremos um sindicato de luta contra os que exploram os trabalhadores! Pela unificação da esquerda da Unicamp!

*Alteração do estatuto*

## **NO CONGRESSO DO STU: UNIFICAR A ESQUERDA PARA LUTAR**

O STU deve impulsionar a luta da categoria com a unidade dos lutadores contra os ataques de Tadeu, Alckmin e Dilma e das correntes sindicais que os sustentam. A resposta para trazer o STU de volta às lutas não se resolve com mudanças estatutárias. O STU deve continuar proporcional e fazermos grandes lutas, com a unidade da esquerda para lutar!

*Combate às opressões*

## **A LUTA CONTRA AS OPRESSÕES É DIÁRIA**

As opressões colocam os trabalhadores em situação de desvantagem. Negros e negras, mulheres, LGBTs têm os piores empregos e recebem os menores salários. Na Unicamp a terceirização atinge mulheres negras em condições precárias de trabalho. As opressões se disseminam porque são “naturalizadas”. Cotidianamente ouvimos piadas, gritos, ofensas e humilhações simplesmente porque somos negros, mulheres ou LGBT.

Reproduzir esse pensamento somente nos afasta da luta cotidiana e unitária. Interessa somente para nos enfraquecer essa divisão. Por isso, para nós o debate de opressões é fundamental. Mas sabemos que não tem como acabar com a opressão sem acabar com a exploração. E, por se tratar de um debate que nossa categoria tem acumulado, queremos sempre ressaltar a necessidade de se lutar diariamente contra as opressões.

Neste sentido, no Congresso queremos fazer um balanço duro de como nós fomos perdendo o debate de opressões e queremos resgatar o acúmulo, por isso reivindicamos que todas as resoluções do último Congresso sejam aplicadas para que voltemos a ter um sindicato que é pioneiro e referência no debate de opressões.

E neste ano onde temos vivenciado um aumento da imigração, precisamos compreender também que todos esses trabalhadores precisam ser respeitados no Brasil. Não podemos aceitar condições desiguais para os refugiados da Síria ou para os haitianos. Somos todos trabalhadores e precisamos nos unir!